

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

AMANDA BERGMANN BASSO

JAQUELINE BUDAL ARINS

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CURITIBA

2014

AMANDA BERGMANN BASSO

JAQUELINE BUDAL ARINS

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial à formação em Pedagogia,
pela Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria PetraitisLiblik

CURITIBA

2014

TERMO DE APROVAÇÃO

AMANDA BERGMANN BASSO
JAQUELINE BUDAL ARINS

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau em Licenciatura Plena em Pedagogia, setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Profa. Doutora Ana Maria PetraitisLiblik

Orientadora - Setor de Educação – Curso de Pedagogia

Universidade Federal do Paraná – UFPR

Profa. Doutora Adriane Knoblauch

Examinadora - Setor de Educação – Curso de Pedagogia

Universidade Federal do Paraná – UFPR

Curitiba, 14 de novembro de 2014

De Amanda Bergmann Basso

Dedico primeiramente aos Seres Iluminados que me acompanham e me guiaram durante toda a minha trajetória. Dedico a minha mãe, Ingrid, que me apoiou em todos os momentos de minha vida, me dando todo o suporte que precisei. Aos meus irmãos que sempre estiveram presentes em minha vida, Jaccks e Bernardo, as minhas cunhadas que participaram deste processo Mariana e Ana Claudia. E especialmente as minhas sobrinhas, Barbara, Valentina e Isadora, que além de entenderem o fato de não poder vê-las com tanta frequência muitas vezes foram minha inspiração e minhas experiências inenarravelmente ricas, únicas e prazerosas. A toda a minha família, que acompanhou todo esse processo. Aos meus avós, que com sua sabedoria e experiência de vida sempre me confortaram e incentivavam em especial minha Tia Ana Tereza a qual foi sempre um exemplo de profissional, estudiosa, tornando-se uma pessoa singular no âmbito de educação, com sua exemplar caminhada na área, sempre me incentivou na minha profissão de pedagoga, me explicando e me ajudando. E é claro aos meus amigos “oldscool”, os de faculdade que começaram colegas e se tornaram amigos verdadeiros, que sempre estavam por perto, e sem esquecer, e impossível não citar, Mariana, Mayara, Rose e Thais (em ordem alfabética para não criar ciúmes), todas tiveram e tem especial importância em minha vida.

De Jaqueline BudalArins

Dedico primeiramente a Deus, detentor de todo saber e meu guia que orientou meus passos até aqui e sempre está presente em minha vida intercedendo por mim; aos meus pais pelo incentivo, cuidado e paciência comigo nestes dias tempestuosos; a minhas irmãs que sempre me apoiaram e atuaram em minha vida como verdadeiras mães; aos meus amigos pelo carinho, confiança e palavras de apoio que me fizeram acreditar que era possível chegar até aqui; aos meus familiares amados por estarem sempre por perto e principalmente a minha irmã Aldagisa que sempre acreditou em mim, no meu potencial, me dando subsídios para conquistar meus sonhos e servindo como fonte inspiradora na carreira que escolhi trilhar.

Serei eternamente grata!

Contos de fadas são mais que verdade; não por que nos dizem que dragões existem, mas por que eles nos dizem que dragões podem ser derrotados.

Gilbert Chesterton

RESUMO

O trabalho trata da importância dos contos de fadas na educação infantil, enquanto gênero da literatura. Mostra a história dos contos de fadas buscando subsídios para seu enraizamento na vida das crianças até os dias de hoje. Trata dos benefícios que os contos trazem a vida das crianças na educação infantil. Observa duas turmas, sendo uma de instituição privada e outra pública, relatando o envolvimento das crianças com o conto, os sentimentos percebidos ao longo da contação e a forma como foi preparado o espaço. Entrevista as professoras envolvidas na pesquisa. Relata os comentários feitos pelas crianças posteriores a contação. Mostrando a importância dos contos de fadas durante o processo de desenvolvimento da criança na educação infantil.

Palavras-chave: Contos de Fadas. Educação Infantil. Observação. Literatura Infantil. Histórias.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1.....	37
IMAGEM 2.....	38
IMAGEM 3.....	39
IMAGEM 4.....	40
IMAGEM 5	
IMAGEM 6.....	42
IMAGEM 7	
IMAGEM 8.....	43
IMAGEM 9	
IMAGEM 10.....	44
IMAGEM 11.....	47
IMAGEM 12	
IMAGEM 13.....	48
IMAGEM 14.....	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 IMPORTÂNCIA DA LITERATURA.....	11
3A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS.....	15
3.1CONTOS DE FADA VERSUS CONTOS MARAVILHOSOS.....	17
3.2QUAL O PAPEL DAS FADAS?.....	18
4 POR QUE TRABALHAR OS CONTOS DE FADAS?.....	21
4.1 OS CONTOS DE FADAS E O MEDO.....	24
4.2OS CONTOS DE FADAS E O AMOR.....	24
4.3 OS CONTOS DE FADAS E AS DIFICULDADES EM SER CRIANÇA.....	24
4.4 OS CONTOS DE FADAS E AS CARÊNCIAS.....	25
4.5 OS CONTOS DE FADAS E A AUTODESCOBERTA.....	26
4.6 OS CONTOS DE FADAS E AS PERDAS E BUSCAS.....	26
4.7 OS CONTOS DE FADAS A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE MORAL DA CRIANÇA.....	29
4.8 O CONTO DE FADAS E O IMAGINÁRIO INFANTIL.....;	30
4.9 O CONTO DE FADAS, A ORALIDADE INFANTIL E O INTERESSE PELA LEITURA.....	32
5ESTUDO DE CASO: UM ENCONTRO ENTRE AS CRIANÇAS E O CONTO DE FADAS.....	34
5.1 OBSERVAÇÃO 1	
5.1.1 O local.....	35
5.1.2 A contação.....	37
5.1.3 A atividade.....	42
5.2 OBSERVAÇÃO 2	
5.2.1 O local.....	47
5.2.2 A contação.....	47
5.2.3 A atividade.....	50
6CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	57
ANEXO 1.....	59
ANEXO 2.....	60

1 INTRODUÇÃO

Nós estudantes responsáveis pelo presente trabalho, somos estudantes do 5º ano do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná, atuantes em escolas de educação infantil, no município de Curitiba, sendo uma de educação pública – CMEI – e a outra em instituição privada.

Ao longo da jornada acadêmica, nos deparamos com inúmeras disciplinas cujo principal objetivo foi nos preparar e instruir para atuação em ambiente escolar. De todos estes assuntos, houve um grande interesse pelo universo da educação infantil, enquanto base da constituição do indivíduo, fase inicial da Educação Básica. Dentro da educação infantil, são inúmeros os eixos que sistematizam o trabalho a ser desenvolvido com crianças, ainda nas primeiras fases. Todavia, o encantamento provocado pelos contos de fadas sobrepôs qualquer outra intenção.

Falar dos contos de fadas fez-nos voltar a uma fase linda de nossas vidas, lembrando-nos de histórias que marcaram nossa infância e dos sentimentos que nos trouxeram aquela época.

Agora, enquanto professoras da educação infantil, poder proporcionar as emoções e sentimentos que o conto nos trouxe na infância é tão gratificante que nos fez querer estudar mais profundamente a importância deles na vida de crianças em processo de formação.

Para desenvolver este trabalho, buscamos em alguns livros e artigos que tratam do tema, fontes teóricas que nos dessem as respostas para nossas perguntas. Após aprofundamento teórico realizamos a observação de uma contação de conto de fadas a fim de unir teoria e a prática em sala de aula, relatando os sentimentos, as falas, o envolvimento e demais elementos que apareceram ao longo de nossa observação.

Ao longo do trabalho e, a partir da união de teoria e prática pudemos notar o quanto pode ser rico um trabalho com os contos de fadas.

A leitura dos contos de fadas é uma prática antiga desenvolvida entre profissionais da educação junto a seus alunos, bem como entre pais e seus filhos.

Este momento pode ser muito prazeroso devido à proximidade entre ambas as partes: leitor e ouvinte, bem como pelo conto em si e a forma como ele é capaz de nos transportar para outros lugares.

A prática da leitura auxilia no desenvolvimento criativo e imaginário da criança, “despertando-a” para diferentes mundos e universos mágicos. Contudo, quais outras possibilidades a leitura destes contos proporciona às crianças? Qual o envolvimento delas com a leitura de contos de fadas?

Por estes motivos tivemos como objetivos neste trabalho destacar a importância dos contos de fada na Educação Infantil, investigar quais contos são trabalhados em sala de aula, e como se dá o desenvolvimento desta prática em instituições distintas, pública e privada, além de investigar outros benefícios do conto de fadas para a vida das crianças da educação infantil e relatar as estratégias utilizadas na contação de histórias.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira:

1) Introdução 2) Importância da literatura infantil, onde aborda um pouco de sua história e como ela era vista e é vista nos dias de hoje. 3) Contos de Fadas versus Contos maravilhosos, nos mostra a diferença entre eles e como ambos são considerados muitas vezes contos de fadas. Dentro deste capítulo podemos conhecer um pouco mais sobre qual é o papel das fadas, vendo algumas curiosidades sobre estes seres fantásticos. 4) Porque trabalhar os contos de fadas?: Neste capítulo será onde discorreremos mais sobre os motivos e importâncias para se trabalhar com os contos de fadas, dentro dele terá também questões sobre medo, amor, dificuldades em ser criança, carências, autodescoberta, perdas e buscas, formação da identidade moral da criança, imaginário infantil, a oralidade e o interesse pela leitura. 5) Estudo de caso, onde está sendo relatado duas observações feitas por nós em duas instituições uma pública outra privada, nesta observação será relatada a contação e também comentários feitos pelas crianças. 6) Considerações finais.

2 IMPORTÂNCIA DA LITERATURA

A palavra literatura vem do latim *litteris*, que significa “a arte de escrever”, mas esta escrita não tinha como destino as crianças. Ao longo da história, vemos que antigamente as crianças não possuíam uma identidade, elas eram vistas como adultos em miniatura, sem qualquer interesse ou necessidade. E foi assim com a literatura infantil também. Foi aos poucos que foram sendo criadas histórias para as crianças. Como afirma Zilberman, (1985, p. 14), [...] “Antes não se escrevia para elas, não existia infância.”

Estas histórias constituíram--se como um gênero textual no final do século XVII. Neste momento histórico estavam havendo mudanças na sociedade, desencadeando repercussões no âmbito artístico. Nesse período construíram-se dois momentos na literatura infantil: a lendária e a escrita.

A lendária sempre existiu, são as histórias inventadas ou passadas de pai para filho. Podem ser tidas também como aquelas histórias contadas em rodas de conversa. O propósito destas rodas era de unir pais e filhos propiciando momentos juntos, em família e os aproximando. As lendárias passaram então a ser escritas, e mais tarde publicadas. Percebemos isso, analisando historicamente, que a organização social era baseada na orlaidade, ou seja, poucas pessoas tinha a oportunidade de aprender a ler e escrever, por este motivo a comunicação entre eles era realizada através da oralidade.

Um dos precursores da chegada da literatura infantil foi o francês Charles Perrault que reescreveu alguns contos e lendas da Idade Média como, *Chapeuzinho Vermelho* e *Cinderela*, adaptando-os para as crianças chamando-os assim de contos de fadas.

No século XIX, na Alemanha, outros contos populares foram coletados pelos irmãos Grimm como João e Maria e Rapunzel, aumentando assim o repertório literário.

O Dinamarquês Cristian Andersem, que escreveu *o Patinho feio* e o italiano Collodi que escreveu *Pinóquio*, são outros nomes importantes na história da literatura infantil.

No Brasil, tivemos um grande autor chamado Monteiro Lobato, criador da obra *O Sítio do Pica Pau Pmarelo*, que levaram inúmeras crianças brasileiras a se debruçarem sobre livros, acompanhando as narrativa encantadas de Dona Benta, Narizinho, Emília e outros personagens encantados que viviam no sítio.

(...) Ah como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... ABRAMOVICH (1993, p. 16)

A literatura infantil proporciona às crianças diversos benefícios para o desenvolvimento social, emocional e lingüístico e na aprendizagem de modo geral, contando com o incentivo e apoio dos pais, educadores e professores, afim de proporcionarem às crianças o acesso aos livros.

Segundo (1985, apud BAMBERGUERD, 2009 p. 38), “a criança que lê com maior desenvoltura tem mais facilidade no aprendizado, ou seja, ela tem mais facilidade de interpretação e absorção do assunto, pois foi incentivada.”

Assim percebemos que o contato com a literatura, mesmo que ouvindo histórias, quando ainda não se sabe ler, percebemos que esse contato com a Língua, faz com que a criança tenha mais facilidade no aprendizado.

Ler para mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivencia das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, insubstituível... E continua lindamente, sendo exatamente isso! (ABRAMOVICH, 1993, p. 14)

Cabe aos adultos transformar a leitura e a contação de histórias em algo prazeroso, e não em uma ferramenta de trabalho, afim de, domesticar e enquadrar as crianças.

É importante que a criança tenha livre acesso a muitos livros, sendo papel do adulto ensiná-los a como utilizar aquele material, mostrando que os livros são delicados e devem ser tratados com cuidado.

Há prazer de folhear um livro, colorido ou branco e preto [...] livros feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos de qualquer idade, são, sobretudo, experiências de olhar, de um olhar múltiplo, pois se vê com o olhar do autor e do olhar/leitor, ambos enxergando o mundo o mundo e os personagens de modo diferentes, conforme percebem o mundo, saborear e detectar tanta coisa que nos cerca usando este instrumento nosso tão primeiro, tão denotador de tudo, a visão. (ABRAMOVICH, 1995, p.33)

As crianças são reflexo dos adultos que as rodeiam e no meio no qual estão inserida. Ao observar pais e professores tendo hábitos de leitura e lendo com prazer, a criança aprende e se espelha e cria gosto pela literatura.

[...] para formar crianças que gostem de ler e vejam na leitura e literatura uma possibilidade de divertimento e aprendizagens precisamos ter, nós adultos, uma relação especial com a leitura e literatura: precisamos gostar de ler, ler com alegria, por diversão; brigando com o texto, discordando, desejando mudar o final da história, enfim, costurando cada leitura, como um retalho colorido, à grande colcha de retalhos – colorida, significativa – que é a nossa história de leitura.(Zilberman 1985, apud KAERCHER, E.;GLADIS, p. 83).

Ao contar histórias para as crianças da educação infantil, o professor proporciona a ela o contato com a linguagem escrita padrão, fazendo com que esse contato seja prazeroso. Este prazer perpassa e faz com que as crianças queiram se projetar no papel de narrador, pegando livros e tentando recontá-los aos amigos, de maneira a imitar o professor ou pais. Neste sentido é importante a presença da literatura no dia-a-dia das crianças bem como faça parte da rotina escolar.

De acordo com Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil:

A ampliação do universo discursivo da a criança também se dá por meio do conhecimento da variedade de textos e manifestações culturais que expressam modos e formas próprias de ver o mundo, de viver, de pensar [...] músicas, poemas e histórias são um rico material para isso. (1998, p. 139)

Ainda segundo o Referencial:

A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da literatura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura. (1998, p. 141)

A criança pequena ainda não sabe ler e por isso precisa de um narrador para inseri-la neste universo mágico. É através do adulto, enquanto narrador, que a criança de educação infantil consegue se apropriar das histórias, vivenciando momentos de puro encantamento e aprendizado.

3 ERA UMA VEZ: A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS

Segundo Corso (2006), os contos de fadas tiveram origem há muito tempo atrás, por volta do século XVII. Coletados e trazidos da Europa, pelas mãos de famosos escritores como Charles Perrault e os Irmãos Grimm, os contos eram conhecidos como narrativas populares e não eram destinados especificamente às crianças, pelo contrário, eram destinados aos adultos.

Em uma época de escassez, fome, guerras e tristeza, as narrativas populares poderiam ter como intuito ajudar habitantes de aldeias camponesas a suportar as longas noites de inverno juntos aos demais, em volta da fogueira. Juntos e aquecidos, as pessoas passavam o tempo contando histórias e mitos que circulavam pela região.

Ataques de lobos famintos aterrorizando vilarejos e matando pessoas, mistérios intrigantes como casas abandonadas no meio da floresta, barulhos no meio da noite, desaparecimentos, mortes e qualquer quebra na rotina habitual e normalidade ocorrida em uma região, poderia tornar-se elemento a ser utilizado posteriormente, a fim de dar corpo a novas histórias, que seriam contadas, recontadas e adaptadas pela boca dos próprios contadores, no caso, os habitantes.

Os contos populares pré-modernos talvez fizessem pouco mais do que nomear os medos presentes no coração de todos, adultos e crianças, que se reuniam em volta ao fogo enquanto os lobos uivavam lá fora, o frio recrudescia e a fome era um espectro capaz de ceifar a vida dos mais frágeis, mês a mês. (CORSO, 2006, p. 16)

Durante séculos a tradição oral de contar histórias, fez parte de momentos coletivos, em que uma pessoa atraía os demais membros do grupo, sendo homens, mulheres ou crianças, e as encantava com alguma narrativa, de forma a entreter o público.

Até então, não havia uma distinção entre a vida doméstica e o trabalho, pois o último era tido como uma extensão do lar. Da mesma forma como não havia distinção entre estes dois pólos, a infância não era distinta da vida adulta. Neste sentido, não havia uma preocupação com a formação e constituição da criança, como ocorre hoje em dia.

Por volta do século XIX, com “a chegada” da revolução industrial, começa o processo de perceber a importância da infância, que deu visibilidade a esta fase da vida que até então não possuía importância significativa, as crianças passam então a serem reconhecidas como seres subjetivos, em fase distinta a dos adultos, com anseios, direitos e necessidades.

Posteriormente, com o desmembramento da vida infantil do universo adulto, os contos pendem para o lado da infância e são ressignificados, passando por adaptações e transformações.

A visibilidade da infância toma corpo e passa a alcançar o mercado que visa atingir este novo público que surgiu. Os produtos passam a ser diferenciados para as crianças, bem como a publicidade dos mesmos.

A partir da modernidade, começou a haver uma distinção entre produtos culturais para adultos e para crianças, nosso tempo levou isso ao extremo, e cada idade passou a ter seus próprios produtos bem delimitados. A cultura assimilou as leis do mercado, incorporando suas prerrogativas de consumo e publicidade. Em função das intenções pedagógicas e mercadológicas, passa então a ser importante a definição de um público-alvo. Graças a isso, o grau de especialização da cultura produzida para a infância tornou-se algo a ser estabelecido com precisão. Levando em conta a psicologia de cada época da vida, temos ofertas culturais diferenciadas para bebês, crianças pequenas, escolares, pré-púberes, adolescentes, adultos solteiros, famílias e assim por diante. (CORSO, 2006, p. 26).

Estes produtos culturais ofertados no mercado para as crianças são aceitos e consumidos pelos interessados, todavia sempre passam por um monitoramento constante de pais e adultos relacionados aos pequenos a quem se destina, a fim de verificarem se os mesmos não podem de alguma forma serem prejudiciais a mente infantil. Longe disso, os contos de fadas caem no favoritismo dos pais e permeiam com facilidade e segurança estas relações entre pais e filhos, visto que são passados de geração em geração. Isso acaba por demonstrar um forte vínculo entre histórias e pessoas. Para além do favoritismo, os contos são vinculados a uma educação de qualidade, parecendo quase imprescindível que as crianças passem pela infância ouvindo diferentes contos ao longo de sua constituição, enquanto sujeito em formação.

3.1 CONTOS DE FADAS VERSUS CONTOS MARAVILHOSOS

Afinal, existem diferenças entre os denominados contos de fadas dos contos maravilhosos?

Nosso projeto tem como intuito trabalhar especificamente com o conto de fadas, mas acreditamos ser importante pincelar, mesmo que de forma superficial, alguns pontos de vista segundo autores que escreverem sobre o tema.

No livro *Conto de Fadas*, de Nelly Novaes Coelho (1987), a autora deslinda algumas possíveis diferenças sobre ambas as denominações.

De acordo com ela os contos de fadas e os contos maravilhosos têm sido vistos de forma indissociável, como se possuíssem a mesma natureza, contudo possuem fontes e problemáticas diferentes. Mesmo possuindo a onipresença de seres mágicos, estas são distintas por sua origem e problemáticas que seguem linhas diferenciadas.

Neste ponto, Coelho (1987, p. 12), se utiliza de alguns dos famosos contos conhecidos para explicitar as diferentes problemáticas humanas presentes em tais denominações:

Entretanto, por um simples confronto entre A bela Adormecida, A bela e o Fera ou Rapunzel, de um lado, e o Gato de Botas, Os pescador e o gênio ou Aladim e lâmpada maravilhosa, de outro, nota-se que há uma diferença essencial. Diferença quase inexistente ao nível da forma (pois todos pertencem ao universo do maravilhoso), mas que pode ser facilmente percebida ao nível da problemática motriz de cada conto.

Enquanto os contos de fadas são de origem celta e desenvolvem-se dentro de perspectivas “feéricas” (termo usado por COELHO, p. 13), ou seja, um mundo de reis, rainhas, princesas e príncipes, fadas, bruxas objetos mágicos, anões gigantes e etc, tendo como foco problemáticas existenciais como: encontrar a princesa (relação homem-mulher), superar desafios, obstáculos, alcançar o que se almeja, Os contos maravilhosos são originários de narrativas orientais, primam por narrativas sem fadas, mas ainda com seres encantados como animais falantes, gênios, duendes e etc (e tem como eixo principal uma problemática social, ligada a vida concreta, como: obstinação pelo poder, acúmulo ou busca por riquezas, necessidades de sobrevivência – miséria).

A verdade é que mesmo originárias de diferentes regiões e com algumas diferenças aparentes em suas problemáticas, hoje ambas as denominações são utilizadas para rotular os contos mágicos que encantam gerações e que são vistos como uma herança milenar.

Neste sentido Corso (2006), destaca que ambas as denominações, possuem a onipresença de um fator extraordinário e maravilhoso. Não existe necessariamente a obrigação de todo conto possuir fadas, mas estes, contam com um elemento mágico e encantador compondo seu enredo.

Se são fadas, dragões, bruxas, duendes, lâmpadas mágicas ou sapos falantes, cabe ao enredo da história surpreender com o maravilhoso, seus personagens mágicos e fantasias afins. É neste sentido que a denominação maravilhosa surge possivelmente a fim de mostrar a vastidão de personagens e seres encantados que passeiam pelos contos e imaginário infantil.

O elemento fantástico presente enquanto maravilhoso nessas narrativas cumpre a função de garantir que se trata de outra dimensão, de outro mundo, com possibilidades e lógicas diferentes. Assim fazendo, os argumentos da razão e da coerência já são barrados na porta, e a festa pode começar sem suas incômodas presenças, bastando pronunciar as palavras mágicas Era uma vez... como uma senha de entrada. (CORSO, 2006, p 27)

3.2 QUAL O PAPEL DAS FADAS?

Segundo Geiger (2011, p. 395) a palavra fada significa “Personagem feminina de histórias, com poderes mágicos. Para o bem: a fada e a bruxa. Mulher bondosa e especial”. A palavra fada vem do latim *fatum* (destino, fatalidade, oráculo).

De acordo com Corso (2006, p. 27), as fadas podem ser colocadas como as “representantes deste reino - ou embaixatrizes do mundo mágico. As fadas seriam as herdeiras das sacerdotisas de ritos ancestrais já que a elas é reservada a função de veicular a magia”.

Estes seres fantásticos se apresentam na forma feminina e são dotados de poderes mágicos. Muito belas, encantam a todos por seus dons, virtudes, belezas

excessivas, bem como pela capacidade de auxiliar os homens na resolução de problemas impossíveis de serem solucionadas de forma natural.

As fadas são tidas também como o oposto das bruxas, podendo assim servir ao mal, o que de forma simbólica reflete a dualidade feminina.

Não se sabe ao certo o local, região ou momento temporal em que as fadas tenham nascido, mas parecem serem grandes os esforços de estudiosos da área em descobrir tais questões. Afirma Coelho (1987, p. 32):

Pacientes pesquisas de historiadores, arqueólogos, filólogos, etnólogos, cronistas ou compiladores, que através dos tempos se debruçaram sobre a literatura primitiva dos mundos oriental e ocidental, acabaram por tecer uma intrincada rede de dados históricos, míticos e lendários, que, pacientemente percorridos e confrontados entre si, oferecem algumas pistas plausíveis para uma possível elucidação acerca da presença das fadas na vida dos homens.

Como já visto os contos de fadas tem origem celta, não poderia ser diferente com as fadas. Historiadores parecem entrar em consenso, e não resta-lhes dúvidas de que tais seres vieram da cultura céltica.

Segundo Mela (século I, apud Coelho, 1987, p. 32):

... na ilha do Sena, nove virgens dotadas de poder sobrenatural, meio ondinas (gênios da água) e meio profetisas, que, com suas imprecações e seus cantos, imperavam sobre o vento e sobre o Atlântico, assumiram diversas encarnações, curavam enfermos e protegiam navegantes.

A autora especula sobre a citação acima, extraída do livro *Sobre las Hadas* de Mantovani, 1974, p. 10, realizando análises que levam a comprovar que as referências do mesmo, levam a crer que as fadas tiveram sua origem céltica-bretã. Um dos motivos levantados por ela é de que antigamente o Rio Sena, banhava a Gália, região que abarcava os atuais países: França, Itália e Espanha. Gália era o local onde mais se concentrava o povo celta na época. Para além disso, é no seio da literatura da Idade Média que surgem sinais da magia, encantamentos e amores eternos com Viviana, Morgana e outras, citadas por Coelho (1987, p. 33), como “as primeiras fadas que o mundo conheceu”. A primeira aparece nas histórias do Rei Arthur e seus cavaleiros como protetora de Lancelot e mais tarde companheira do

mago Merlin. Já Morgana, aparece em diferentes literaturas, das mais antigas, como as Brumas de Avalon, até as mais modernas.

Este seres delicados, podem ter nomenclaturas distintas de lugar para lugar, como cita Coelho (1987, p. 65), “asbanshee irlandesas, ‘mouras encantadas’, xanas asturianas, damas verdes germânicas...”, porém, na maioria das culturas, estão ligadas ao amor, podendo ser as mediadoras deste sentimento entre as pessoas, ou sendo elas próprias as amadas.

Ser dotado de magia, a fada foge às contingências das três dimensões; e a maçã ou a varinha, que carrega, tem qualidades maravilhosas. Segundo a crença celta, nem os poderosos sacerdotes druidas poderiam reter aquele a quem ela chama para si; e seu “eleito perde o alento vital, quando ela se afasta. (COELHO, 1987, p. 34)

Não restam dúvidas de que aqui, ou em outros lugares, as fadas são tidas como seres mágicos capazes de fascinar e encantar. Detentoras de poderes, poderiam ser conhecidas como aquelas que “abrem as portas” para nossa entrada no mundo encantado dos contos, despertando nossa imaginação e nos fazendo mergulhar em um universo paralelo, onde tudo parece ser possível.

4 POR QUE TRABALHAR OS CONTOS DE FADAS?

Vivemos nos dias de hoje uma era de altas tecnologias e grandes mudanças de comportamento. É notório que os alvos mais significativos de tais mudanças não poderiam ser outros, além da geração que está por vir, os pequenos que se tornarão os adultos de amanhã.

As crianças são bombardeadas constantemente com propagandas em diferentes veículos de comunicação, a fim de que se tornem deste cedo, consumidores assíduos. Desde comida até acessórios de higiene, vemos constantemente um crescente número de apelos comerciais, tentando vender um ideal de felicidade baseado na aquisição de algum produto.

As ferramentas para fomentar o consumismo estão em todos os lugares e passeiam pelas mãos das crianças que com muita desenvoltura dominam tais aparelhos e ficam a mercê dos encantamentos que estes podem oferecer.

De repente temos tudo nas mãos, sem que seja necessário, pensar, imaginar, se esforçar ou descobrir, a distância entre o que se quer e a realização está a um clique.

No mundo da literatura infantil, não é diferente, da tradição oral, chegamos ao “império das imagens”, onde tudo é muito visual.

Hoje tudo que se diz deve ser ilustrado. Os sons, os silêncios, a entonação e a capacidade dramática, que faziam a glória de um bom contador de histórias foram, substituídos pelas capacidades narrativas dos estúdios de cinema, da televisão e dos ilustradores de livros e quadrinhos. (CORSO, 2006, p. 27)

A grande questão é que mesmo vivenciando e usufruindo desta era tecnológica, as crianças não perdem o interesse pelo conto de fadas e continuam a evocar as mesmas emoções com o passar dos anos.

É neste sentido que nos perguntamos o que os contos trazem de especial para a vida destas crianças? De que forma as auxiliam em seu desenvolvimento?

É nítido o impacto que um conto de fadas faz em uma criança, por algum motivo elas se identificam com a história e pedem por ela o todo tempo. É um exercício de repetição sem fim, como se ela estivesse tentando desvendar algum nó invisível por trás dela.

Nas crianças, é mais fácil observar o impacto da ficção, elas se apegam a alguma história e usam-na para elaborar seus dramas íntimos, para dar colorido e imagens ao que estão vivendo. Elas a usam como era usado o mito em sociedades antigas, entram na trama oferecida e tentam encaixar suas questões nos esquemas interpretativos previamente disponibilizados. Ou então se apropriam de fragmentos, como tijolos de significação que combinam à sua moda para levantar a obra de determinado assunto que lhes interessa. (CORSO, 2006, p. 29)

Acredita-se que os contos de fada auxiliam as crianças ainda pequenas a desenvolverem seus valores morais, tão decisivos para sua formação. Ao se “relacionarem” com os personagens, bons e maus, poderosos e fracos, nobres e covardes, elas passam a elaborar um discernimento quanto a algumas questões da vida, adquirindo valores básicos de conduta, convívio social e relação de si mesma com o mundo.

Para compreendermos a importância de um conto de fadas na vida de uma criança, precisamos voltar ao passado e partir do pressuposto que os contos de fadas sofreram grandes alterações, adaptações e modificações ao longo da história.

Como já vimos, os contos passaram por mudanças a fim de se voltarem ao público infantil, “convidando” as crianças a desbravarem reinos e universos paralelos junto com os personagens principais, enfrentando suas angústias, temores, conflitos e vivendo todo o processo vivido pelo herói, heroína ou até mesmo do vilão, durante a escuta da história. Ao ouvir o “Era uma vez”, as crianças mergulham no universo da fantasia de onde sairão apenas no final do conto, com o “viveram felizes para sempre”, que fecha a história como uma palavra mágica que transporta as crianças de volta a realidade.

De acordo com Aguiar, (SEM ANO, apud ABRAMOVICH, 1993, p. 120):

Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filho), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes, etc.). A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real. Valendo-se desta estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial imaginativo infantil e, de outro, transmitem à criança a idéia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo.

De acordo com a autora é por lidar com estes aspectos que fazem parte da condição humana, que os contos mantêm-se tão populares até os dias de hoje. A presença de fadas ou não, por si só, não caracteriza a história como um conto de fadas, “a magia não está no fato de haver uma fada já anunciada no título, mas na sua forma de ação, de aparição, de comportamento, de abertura de portas, na sua segurança...” (ABRAMOVICH, 1993, p. 121)

Cada elemento inserido na história é pensando a desempenhar um papel significativo para as crianças. Ao escutarem o enredo cada criança se apega a um trecho, personagem, emoção ou situação ocorrida, e com estes dados trabalham seu emocional, anseios e temores junto com os personagens, enfrentando suas dificuldades e procurando superá-las junto aos mesmos. Estes elementos seriam como peças chaves para desvendar o quebra-cabeça que é o conto de fadas, e seu propósito no desenvolvimento infantil.

Toda via, as histórias passam por adaptações que acabam por cortar partes importantes da história que nos fazem entendê-lo em sua completude. Abramovich (1993, p. 121), condena indústrias cinematográficas e outros, pelas modificações e suavizações feitas nas histórias ao longo do tempo. De acordo com a autora, parte destes elementos especiais inseridos no texto acabam por se perder na história, impedindo que as crianças compreendam o conto de forma integral. É necessário se preservar o conto em sua originalidade, respeitando sua integridade, com seus elementos cruéis, suas angústias e temores, que fazem parte da vida real, deixando que a criança trabalhe com estas emoções.

Ressaltando as afirmações levantadas, Bettelheim (1978, apud ABRAMOVICH, 1993, p.122) diz:

Explicar para uma criança por que um conto de fadas é tão cativante para ela, destrói, acima de tudo, o encantamento da história, que depende, em grau considerável, de a criança não saber absolutamente porque está maravilhada. E ao lado do confisco deste poder de encantar vai também uma perda do potencial da história em ajudar a criança a lutar por si só e dominar exclusivamente por si só o problema que fez a história estimulante para ela. As interpretações adultas, por mais corretas que sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da história, enfrentou com êxito uma situação difícil. Nós crescemos, encontramos sentido na vida e segurança em nós mesmos, por termos entendido ou resolvido problemas pessoais por nossa conta, e não por eles nos terem sido explicados por outros.

4.1 OS CONTOS DE FADAS E O MEDO

São inúmeros os medos que uma pessoa pode ter, da mesma forma como são inúmeros os medos que um livro pode nos trazer. Medo de lobos, medo de bruxas, medo de fantasmas e dragões, bem como medos subjetivos impressos nas situações vividas pelos personagens, como o medo do abandono, medo da perda, medo da desilusão, entre outros.

Os medos estão presentes na vida de todos, fazem parte de nós e precisam ser trabalhados a fim de que os enfrentemos, pois os medos podem nos levar a crescer. “Medos com os quais todos convivem, dum jeito ou de outro, numa intensidade ou noutra, que se aprende a enfrentar, a desviar, a superar, a substituir, com os quais se aprende a conviver ou a lidar...” (ABRAMOVICH, 1993, p. 125)

4.2 OS CONTOS DE FADAS E O AMOR

Os contos falam de amor, amor em toda sua magnitude, amores que passeiam por caminhos mais tortuosos e amargos, mas que vivem sua plenitude, encantos e descobertas.

O amor poderia ser colocado como tema gerador da maior parte dos contos de fadas, pois no eixo central de cada história, existe uma forma de amor que faz com que a mesma se desenrole. A princesa que aguarda pelo amor de um príncipe que virá salvá-la, o amor dos pais por seus filhos (ou a falta deste amor), desilusões amorosas, o amor de um príncipe pela bela princesa, o amor que gera frutos com o nascimento de uma criança...

Neste sentido, é preciso que a criança viva esta forma de amor sem que a mesma seja condensada, assim ela poderá experimentar de forma prévia este sentimento trabalhando-o em sua forma mais plena.

4.3 OS CONTOS DE FADAS E AS DIFICULDADES EM SER CRIANÇA

Eis que alguém entende pelo que eu passo. Esta poderia ser a frase que retrataria a mente de uma criança ao se deparar com as dificuldades pelas quais

passam os personagens infantis dos contos de fadas. Dificuldades que lá no íntimo de cada criança, devem parecer enormes e monstruosas.

Ao se deparar com histórias como o clássico *Peter Pan*, as crianças se identificam com os temores que o personagem apresenta, como por exemplo: o medo de crescer. Quando vê um mundo adulto, tão descrente de tudo, Peter Pan se apegar a fé para manter-se como um menino, se afastando de tudo aquilo que possa lhe fazer perder a crença na magia, “para continuar sendo menino, ele sabe que é necessário acreditar na existência das fadas e não permitir que elas morram... É a fé, a crença, dum período da vida!” (ABRAMOVICH, 1993, p. 129)

A criança sabe que é pequena, fraca, frágil, e que, para enfrentar os desígnios adultos, só imaginando que outras forças estarão a seu lado, protegendo-a e facilitando o confronto (em geral, com cartas marcadas...). Aliás, pelo si, pelo não, adultos bem crescidos andam com seus amuletos, com suas fitas de pedidos e desejos, invocam proteção daqueles nos quais crêem, realizam seus pequenos ritos para que nada de mal aconteça à sua casa etc... (ABRAMOVICH, 1993, p.130)

Este é apenas um dos exemplos que podemos citar, quando tratamos das dificuldades em ser criança, em muitos contos recolhidos pelos irmãos Grimm, aparecem diferentes facetas das crianças, ora expansivas, desejosas de tudo e incansáveis, ora buscando se conhecer e saber quem são, quais suas vontades, seus desejos, etc.

4.4 OS CONTOS DE FADAS E AS CARÊNCIAS

São inúmeras as carências descritas nos contos de fadas, carência de amor, de comida, de abrigo, de cuidados, de conselhos... As carências estão presentes na vida tanto dos adultos quanto das crianças, podendo ser vistas e vividas a qualquer momento.

No conto *João e Maria*, por exemplo, as crianças vivem diferentes tipos de carência, indo da falta de comida a falta de proteção. Neste momento o conto de fadas se confunde com a realidade, e as crianças junto ao conto, podem aprender a lidar com a brutalidade que a real pode vir trazer:

Tão parecido com nossos pivetes, com nossas crianças esfomeadas, vendendo seus objetos em esquinas e praças, de dia ou de madrugada, querendo também – como qualquer criança – comida, agasalho, proteção, teto... querendo estar dentro duma casa e não apenas enxergando seu interior pela janela e sendo protagonistas de uma situação social injusta, cruel, desumana... Querendo ser recebidas com carinho, com amor, por sua família – como acontece com aquelas mais ricas – e desejando apenas que isso suceda enquanto ainda estão vivas, e não depois de sua morte... (ABRAMOVICH, 1993, p. 133)

4.5 OS CONTOS DE FADAS E A AUTODESCOBERTA

Descobrir-se é algo sensacional e fundamental para o desenvolvimento de cada criança, e alguns contos retratam este processo incrível de descoberta, como em *O Patinho Feio* de Andersen.

As crianças podem se identificar com o personagem desajeitado que não consegue se enquadrar e ser aceito em lugar nenhum, mas que no final, descobre-se um lindo cisne e finalmente encontra um lar.

“A questão é descobrir quem somos, perceber o quanto podemos, saber com quem contamos e o quanto, se desejamos (seja o que for) nos colocar em campo e lutar conta o adversário (e sempre por uma justa causa... conforme nossos valores, nossa percepção, noção de justiça ou injustiça etc.)” (ABRAMOVICH, 1993, p. 135)

4.6 OS CONTOS DE FADAS E AS PERDAS E BUSCAS

Os contos de fadas nos falam do que é ser um humano. Somos frutos de uma série de necessidades, desejos, lembranças, vontades, sonhos, ações, histórias, conquistas, alegrias, tristezas, perdas, abandonos...

Ao longo de uma vida é normal que tais sentimentos façam parte da constituição de um sujeito. Por isso, cabe também aos personagens vivenciarem nos contos problemas que retratam tanto de nós, os que vivemos por trás do livro.

Perder alguém especial é inevitável na vida de qualquer pessoa; viver o luto, sofrer a dor, se despedir, sempre lembrar, até esquecer. Os contos relatam histórias que tem como tema gerador a dor da perda, de algo, alguém, como no conto

Em contrapartida, outros contos nos falam das buscas. Buscar quem somos, o que queremos, buscar conquistar nossos sonhos, buscar pelo amor eterno, esquecer o que sentimos ou o que já vivemos. Buscar lembrar do que nos alegra, do que nos faz bem, buscar pelos que se foram e pelos que ainda estão por vir. Buscar saber o que será do futuro, alguém para partilhar, fazer companhia, viver os mesmos sonhos, buscar novas experiências. Buscar partes de nós perdidas, buscar novos começos, buscar novos finais...

Falam das relações famílias, dos dilemas vividos, dos esquecimentos pelos quais passamos, ou pelo sentimento de ser esquecido. Falam de tristezas de paixões fervorosas, de amores roubados, de rejeições.

Falam de infidelidades e injustiças, de decepções e vinganças, falam de vida e morte.

Nos falam da dificuldade de ser criança ou jovem, de como é preciso provar nossa capacidade a cada instante, de como temos que nos afirmar como pessoa – o que só acontecerá quando nossa própria identidade tiver sido alcançada, após um longo período de buscas, de sofrimentos, de rejeições... E de como todas essas turbulências internas – que fazem parte da condição humana – também podem ser compreendidas ou resolvidas através de encantamento, da magia, da presença do maravilhoso... falam de pessoas e de suas buscas de felicidade. (ABRAMOVICH, 1993, p. 137)

Os contos falam dos sonhos, daquilo que se almeja, dos delírios secretos de cada um. Nos mostram cenários perfeitos para sonharmos ainda mais. Alguns sonhos, se realizam ou podem se mostrar distantes, no lugar destes criamos novos sonhos, as vezes até mais fortes que os primeiros.

Pois é, só estamos atentos ao nosso processo pessoal, às nossas relações com os outros e com o mundo, à nossa memória e aos nossos projetos, para compreender que a fantasia é uma das formas de ler, de perceber, de detalhar, de raciocinar, de sentir... o quanto à realidade é um impulsionador (e dos bons!!!) para desencadear nossas fantasias... (ABRAMOVICH, 1993, p. 138)

Desde que a literatura (e, principalmente, o gênero conto de fadas), passou a ser visto como fonte riquíssima de aprendizados e essencial na formação de crianças, estudos passaram a ser realizados visando descobrir os motivos pelos quais os contos tem papel importante na formação de crianças. Ao “destrinchar” as histórias que deram origem aos contos que conhecemos hoje em dia, foi-se

descobrimos os benefícios de ler histórias para as crianças, desde a mais tenra idade, até os mais velhos que já realizam suas leituras sozinhos.

Com sua chegada no Brasil, os contos foram adaptados e passaram a compor o acervo literário infantil e assim, acabaram por fazer parte de um ideal de educação de qualidade e servindo como verdadeiros aliados. Com isso, as histórias passaram a ser utilizadas na formação de cidadãos, tendo como tema central assuntos como patriotismo, respeito aos mais velhos, ralações de amor e carinho nas famílias, respeito aos professores e educadores e o olhar piedoso aos mais carentes.

Os contos lidam com uma série de questões pertinentes a formação das crianças e adolescentes. Os mesmos lidam com as dificuldades de ser criança, pois as mesmas, passam por momentos em que se consideram injustiçadas pelos pais, pelos adultos, pelo mundo. Com isso esperam pelo momento em que serão mais velhas, mais bonitas e inteligentes e finalmente reconhecidas. Nos contos, as crianças conseguem sentir uma aproximação real destes desejos, acreditando que este momento chegará. Neste sentido, os contos trazem consigo um fôlego, diante de um mundo tão imprevisível, produzindo um aumento na auto-estima.

De maneira geral, histórias e contos, propiciam as crianças o despertar de um senso crítico, desenvolvimento da memória, uso da imaginação, criatividade, aumento na atenção e transmissão de valores, desenvolvimento da oralidade, interesse e curiosidade, prazer pela leitura, ampliam o vocabulário; todos estes são fatores que auxiliam no processo de amadurecimento.

Ou seja, outros gêneros de histórias, podem ter o mesmo poder de despertar sentimentos, experiências, reflexões, entre outros sentimentos que os contos de fadas trazem as pessoas, toda via, o conto possui uma estrutura que parece ser compreendida com mais facilidade pelas crianças, permitindo que as mesmas absorvam estes pequenos detalhes de maneira mais clara.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, 1993, p.17)

Uma boa história te carrega para lugares imprevisíveis e passeia contigo por cenários mágicos, distantes, passados, que estimulam o imaginário infantil. Com isso, promovem situações que levem as crianças a criarem; criarem um céu da sua cor, uma paisagem da sua maneira, feições para cada personagem, entre outros. Para que dar descrições detalhadas, se podemos deixá-los criarem por si só?!

4.7 OS CONTOS DE FADAS A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE MORAL DA CRIANÇA

Em muitos contos a ênfase nas qualidades morais do herói/heroína, ou até dos vilões, distinguem os primeiros no patamar de bondosos, bonitos, generosos, dos malvados, gananciosos, covardes e feios. Os contos são excelentes fontes de transmissão de valores, que sozinhos são mais difíceis de serem transmitidos. Melhor dizendo, os contos exercem um papel fundamental na transmissão destes princípios, que de forma isolada seriam mais difíceis de serem assimilados pelas crianças. E assim, utilizando-se dos contos para transmitir estas idéias, fomentamos uma aprendizagem mais lúdica e facilitada.

É neste sentido que a formação moral da criança acontece quando esta se utiliza das atitudes de cada personagem dos contos de fadas para refletir sobre suas condutas, sobre o certo e o errado. Neste momento, eis que a criança distingue os posicionamentos tomados pelo herói, pelo vilão, pela princesa... a fim de construir a sua própria formação moral.

Os contos de fadas, diferentemente de qualquer outra forma de literatura, direcionam a criança para a descoberta de sua identidade e vocação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais seu caráter. Os contos de fadas são a entender que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade - mas apenas se ela não se intimidar com as lutas arriscadas sem as quais nunca se adquire a verdadeira identidade. Essas histórias garantem que, se uma criança ousar se engajar nessa busca atemorizante e onerosa, poderes benevolentes virão em seu auxílio e ela será bem-sucedida. (BETTELHEIM, 2007, p. 34)

Em contra partida, os contos também revelam um outro lado, o lado oculto por trás de cada um de nós, nem sempre somos bondosos e atentos aos conselhos que nos são dados. Os contos nos mostram que as coisas não funcionam envoltas em

um mar de rosas, onde tudo é belo e perfeito. O que faz com a criança reflita sobre o certo e o errado, sobre pensar e agir e as conseqüências presentes em nossas escolhas.

Ao se “relacionar” com os dois extremos, bem e mal, a criança abstrai conceitos sobre o caráter e os valores implicados no mesmo, como respeito, justiça, amizade, amor, bondade, entre muitos outros.

4.8 O CONTO DE FADAS E O IMAGINÁRIO INFANTIL

De acordo com Geiger (2011, p. 474) imaginar é “criar, inventar, representar mentalmente, achar, chegar a uma conclusão sobre, saber”.

Imaginação é a “capacidade que tem a mente de imaginar, a coisa imaginada, fantasia, capacidade de criar, de inventar, combinando idéias e/ou imagens, criatividade, engano, ilusão.”

Imaginário “é o que existe somente na imaginação, ilusório, tudo aquilo que pertence ao mundo da imaginação.”

Durante a infância a criança vive uma fase repleta de possibilidades e descobertas, o que permite que sua imaginação crie ponte entre mundo da fantasia e a realidade. É nesta interação entre ambos os lados (realidade e fantasia), que a criança transforma sua realidade com base nas suas fantasias, sonhos e desejos. Mais tarde, a mesma “convida” seus desejos e fantasias a fazerem parte da sua vida real.

Os contos de fadas são recheados de simbologias e misticidades, e estes são elementos que quando colocados às crianças as ajudam, a se envolver com o conto e assumir o real através do imaginário.

Ao se deparar com os contos, que possuem, em sua maioria, um enredo com características próprias que a preparam para a “entrada” em um mundo encantado de fantasias, como por exemplo, “Em um reino encantado...”, a criança começa a assimilar na narrativa sua composição, feita de começo meio e fim, o que faz com que a mesma se depare com o elemento tempo, incluso naquela história. Um tempo que não é o mesmo que o seu, um tempo diferente, um tempo que nem existe ou que já passou, um tempo que faz parte de um universo presente em seu imaginário. “Pois imaginar é também recriar realidades.” (ABRAMOVICH, 1993, p. 138)

Ao adentrar o mundo da imaginação de um conto de fadas, a criança passa a se colocar no papel dos personagens, elaborando hipóteses para resolver os conflitos e problemas pelos quais passa o mesmo. Ela ultrapassa os limites de suas experiências cotidianas na resolução dos problemas, e encara o mesmo com atitudes de adulto.

No faz de conta a criança consegue unir a imaginação, a realidade daquele momento, onde ela é capaz de se colocar no papel que mais deseja. Neste momento, seus desejos e vontades podem ser concretizados, da forma como a criança pensa e quantas vezes ela achar necessário. Esta situação propicia que as vontades presentes em seu interior sejam satisfeitas através da imaginação e do faz de conta.

Dentro do conto de fadas a criança tende a se identificar com um símbolo (que muitas vezes é um dos personagens), que irá engrandecer sua identidade, pois neste momento, ela irá experimentar outros jeitos de ser, se comportar, pensar, agir... oportunizando a ampliação de seu entendimento sobre o meio em que esta inserida, sobre os diferentes papéis sociais presentes na sociedade e no mundo adulto.

Pelo fato de partirem sempre de um problema vinculado a realidade humana, problemas que são encarados diariamente por pessoas do mundo real, como: conflitos entre pais e seus filhos, medos e temores, perdas, carências, entre outros, o conto tende a se aproximar das crianças, que se utilizam do mesmo para aprendem a lidar com problemas reais, lidando com os mesmo com a coragem de um adulto sem perder a inocência infantil.

A fantasia dos contos de fadas é fundamental para o desenvolvimento da criança. Há significados mais profundos nos contos de fadas que se contam na infância do que na verdade que a vida adulta ensina. É por meio dos contos infantis que a criança desenvolve seus sentimentos, emoções e aprende a lidar com essas sensações. (RESSURREIÇÃO, 2005, p. 19)

Neste sentido os contos de fada contribuem no desenvolvimento do emocional e do imaginário da criança, auxiliando-a na tomada de decisões que geram a independência, compreendendo, conhecendo e organizando seus sentimentos e assim criando esperanças de que após tamanho esforço ela chegará a um final satisfatório e feliz.

4.9 O CONTO DE FADAS, A ORALIDADE INFANTIL E O INTERESSE PELA LEITURA

De acordo com Goulart (em entrevista dada em 2004):

Já nascemos banhados em linguagem, em palavras, em discursos: antes de nascer, pessoas falavam conosco e sobre nós e, depois que nascemos, esta atividade continua – neste movimento, vamos aprendendo a falar e depois, a escrever. São as práticas discursivas orais que tornam o texto escrito significativo para as crianças, estas práticas estão na origem das relações entre as crianças e o texto.

Desde bebês somos acostumados a ouvir histórias, ainda na barriga de nossas mães o ato de escutar histórias parece impregnado em nosso ser. E quem não gosta de ouvir histórias? Sobre si mesmo, sobre seus pais, ou sobre um mundo que só existe em nossa imaginação. Somos todos frutos de uma história, uma história vivida por nossos pais, uma história que passou a ser nossa da qual somos protagonistas.

O conto pode ensinar tanto a uma criança, enchê-la de esperança e sonhos, ajudá-la a desenvolver seus conflitos e medos, pode trabalhar sua imaginação, auxiliá-la a constituir-se enquanto ser humano, com erros e acertos, com toda sua ambivalência, com suas morais, suas condutas, sua identidade. O conto traz consigo uma trama de conhecimentos presente no mesmo, que nos convida a curiosidade, a assumir o posto de desvendar tudo o que ele tem para nos trazer. Como menciona Corso (2006, p. 29):

O importante é termos claro que a criança é garimpeira, está sempre buscando pepitas no meio do cascalho numeroso que lhe é servido pela vida. A relação da infância com as histórias fantásticas é antiga e sólida, o que nos leva à convicção de que essa ficção é preciosa para as mentes jovens.”

Para Meireles (1984, p. 49):

Conta-se e ouve-se para satisfazer essa íntima sede de conhecimento e instrução que é própria da natureza humana. Enquanto se vai contando, passam os tempos do inverno, passam as doenças e as catástrofes – como nos contos do Decameron – chegam as imagens do sonho – como quando as crianças docemente descaem adormecidas.

Ao ouvir contos de fadas as crianças trabalham com a oralidade, pois ao escutar, mais tarde, a mesma tentará reproduzir o que lhe foi contado, utilizando algumas vezes termos dos quais desconhece o significado, mas que foram utilizando pela professora, pelos pais ou pelo contador em questão.

Neste momento a criança acaba por enriquecer seu repertório lingüístico, utilizando palavras coloquiais e linguagem formal em alguns momentos.

A criança que aprende a ouvir histórias alarga seu vocabulário e constrói seu repertório com imagens mentais diversas. Assim, passa a compreender e a lidar com as sensações e percepções do mundo que a cerca. A criança da educação infantil, nos seus diferentes níveis (berçário, maternal I, II, III e pré), desenvolve ou amplia seu vocabulário e exercita a organização das idéias através das diferentes linguagens. Muitas vezes os personagens das histórias aconchegam e cobrem a criança com seus discursos, diálogos, gestos e ela se identifica com o desfecho das histórias. (SMEC, 2010, p. 08)

Através de tamanha fantasia e encantamento a criança cria um elo com as histórias, o que faz com que peça repetidas vezes pela mesma, mas as crianças não nascem com este interesse já impregnado nelas. É papel dos adultos apresentarem a criança a magia por trás dos contos, pois é através destes que a criança tende a criar gosto e apreciar as histórias.

O adulto enquanto leitor deve promover o encontro entre a criança e os livros, a fim de que ela se desenvolva usufruindo de todos os benefícios que tendem a trazer para sua formação.

De acordo com Souza, Muniz e Forgiarini (2013, p. 4):

Não há dúvidas de que a Literatura Infantil é importante, em vários aspectos, para favorecer o processo de ensino-aprendizagem. Quanto ao desenvolvimento cognitivo, ela proporciona às crianças, meios para desenvolver habilidades que agem como facilitadores dos processos de aprendizagem. Estas habilidades podem ser observadas no aumento do vocabulário, nas referências textuais, na interpretação de textos, na ampliação do repertório lingüístico, na reflexão, na criticidade e na criatividade. Estas habilidades propiciariam no momento de novas leituras e possibilidade do leitor fazer inferências e novas releituras, agindo assim, como facilitadores do processo de ensino-aprendizagem não só da língua, mas também de outras disciplinas.

5. ESTUDO DE CASO: UM ENCONTRO ENTRE AS CRIANÇAS E O CONTO DE FADAS

A fim de fornecer subsídios palpáveis a nossa pesquisa e complementar os estudos teóricos realizados sobre a importância dos contos de fadas na educação infantil, realizamos 2 observações em instituições educacionais distintas, sendo uma privada e outra pública.

O presente estudo de caso teve como objetivo analisar uma contação de histórias em sua totalidade, observando o comportamento bem como as reações expressadas pelas crianças, a forma como a professora conduziu a história, o conto escolhido, os materiais utilizados, a forma como foi preparado o espaço, possíveis comentários realizados durante e após a contação e o desenvolvimento de atividades posteriores ao mesmo.

Para as observações montamos um pequeno roteiro a fim irmos anotando as informações obtidas ao longo das mesmas, bem como realizamos o registro através de fotos.

Segundo Ostetto (2008 apud ANJOS; PEREIRA, 2013, p. 12):

A proposta de registrar a experiência vivida, descrevendo e analisando a complexa trama do cotidiano educativo, com seus fios, laços e nós, tem sido apontada e assumida como essencial para a qualificação da prática pedagógica. Para além de uma tarefa a ser executada ou técnica a ser aplicada, o registro diário, compreendido como espaço privilegiado da reflexão do professor, converte-se em atitude vital. Quando vivenciado no seu sentido profundo, com significado, dá apoio e oferece base para o professor seguir sua jornada educativa junto com as crianças. Nesses termos, é verdadeiramente um instrumento do seu trabalho, articulando-se ao planejamento e à avaliação.

O estudo da observação nos fez voltar as pesquisa teóricas, realizando um ligação entre a teoria encontrada nos livros, que nos deram subsídios a escrita desta pesquisa e a prática vista e realizada em sala de aula.

Segundo Ostetto (2008 apud ANJOS; PEREIRA, 2013, p. 13):

Por meio do registro, travamos um diálogo com nossa prática, entremeando perguntas, percebendo idas e vindas, buscando

respostas que vão sendo elaboradas no encadeamento da escrita, na medida em que o vivido vai se tornando explícito, traduzido e, portanto, passível de reflexão.

A fim de organizarmos a descrição das observações, optamos por esclarecer mais sobre as mesmas de forma separada. Assim, iremos renomear as mesmas como Observação 1 e Observação 2.

5.1 OBSERVAÇÃO 1

5.1.1 O local

Esta observação e prática foi realizada em uma escola situada em Curitiba. A instituição em questão é privada e atua com a educação infantil (infantil II, III, IV e V) e primeiros anos do ensino fundamental (1º a 5º ano). A escola conta com quatro turmas do infantil II, quatro turmas do infantil III, quatro turmas do infantil IV e quatro turmas do infantil V, das 13h as 17h30.

Cada turma possui uma professora regente e uma professora auxiliar, as turmas do infantil II e III contam ainda com uma terceira professora que auxilia todas as turmas em horários diferenciados e previamente organizados.

A escolha por esta escola se deve ao fato de uma das pesquisadoras atuar na mesma como professora regente do nível IV. O encantamento pela forma como a escola promove a apreciação pela leitura, bem como pelos projetos, nos diferentes níveis, que envolvem a contação de histórias e contos de fadas, foi outro ponto decisório na escolha do local.

Cada nível da educação infantil possui projetos que visam desenvolver as potencialidades das crianças, objetivando a construção um pensamento lógico, crítico, investigativo e criativo nas diferentes áreas do conhecimento. Neste sentido existe em cada nível um projeto especial que visa trabalhar os contos de fadas de forma que os benefícios tão detalhados ao longo desta pesquisa se concretizem efetivamente, sensibilizando o ouvinte, encantando, estimulando e evocando o imaginário infantil, fomentando a imaginação, trabalhando com os sentimentos, com a oralidade, despertando o gosto e o prazer pela leitura, entre outros.

Para além do projeto, cada turma possui em sua sala um cantinho especial destinado a leitura, onde possuem livros trazidos de casa, para uso de todos, bem

como os livros emprestados na biblioteca pelas professoras para as contações; estes ficam pendurados em um painel, não ao alcance das crianças.

O momento da leitura acontece logo após o lanche, quando as crianças podem escolher um dos livros e um local para ler, explorar, manusear e se encantar com o mesmo. Após este momento de leitura individual, em duplas ou grupos (o que fica a critério das crianças), a professora escolhe um dos livros (de acordo com seu planejamento semanal) e realiza a leitura, ou uma contação para a turma.

Por ser uma escola que preza e entende a importância da literatura infantil em seus diferentes gêneros, é importante ressaltar a forma como é desenvolvida as contações dentro deste local.

Nem sempre os livros são utilizados como forma de apoio aos contadores de histórias. A equipe de diretores, coordenadores e assessores pedagógicos, valoriza e estimula seus professores a utilizarem de diferentes materiais, acessórios e formas de se contar histórias a fim de enriquecer ainda mais estes momentos de contação.

Todas as quartas feiras, professores, direção, coordenação e assessoria pedagógica se reúnem das 18:30h as 20:30, para discussão, estudos, trocas de experiências, oficinas de arte, e demais demandas da escola. Os coordenadores, junto da direção, são os responsáveis pela organização deste grupo, pensando nos temas norteadores para cada discussão proposta, ou atividades que contribuam na formação dos profissionais.

Nos últimos grupos de formação ocorridos até o presentes momento a equipe da escola se debruçou sobre o livro *Fadas no Divã*, a fim de estudarem os contos de fadas e sua importância em cada nível da educação infantil. A proposta final seria o aprimoramento do PPP - Projeto Político Pedagógico da escola, na área de linguagem oral e escrita.

Com esta proposta, as professoras foram divididas em seus respectivos níveis e realizaram um estudo das histórias que de acordo com CORSO (2006), são as que mais se destinam as crianças naquela faixa de idade. Para enriquecer o trabalho de desenvolvido, unindo teoria a prática, cada professora ficou responsável por apresentar uma história, valorizando os diferentes tipos de contação e trabalhando com a criatividade. A proposta foi de realizar uma troca de experiências entre as profissionais estimulando o uso de diferentes recursos nas contações em sala e assim, levando as crianças diferentes propostas e formas de se contar uma história.

5.1.2 Acontação

Realizamos nossa observação em uma turma de Infantil III com alunos, sendo crianças com idade de dois a três anos. A turma conta com duas professoras, sendo uma regente e uma auxiliar, mais o apoio de uma terceira professora que circula entre esta e outra turma em horários previamente organizados e determinados.

A história escolhida foi *Branca de Neve e os Sete Anões*, o motivo da escolha foi que justificado pela professora:

Este conto faz parte de uma seqüência de aulas, planejadas num projeto na área de linguagem oral e escrita na escola que trabalho. São desenvolvidas cerca de 15 aulas a cada história trabalhada, sendo divididas em contações, atividades, dramatizações, pesquisas e até experiências. A cada ano, revisamos o projeto e juntamente com a equipe pedagógica, nos grupos de formação realizados na escola, escolhemos histórias que mais se adequam a cada faixa etária, buscando ajudá-los na resolução de suas dúvidas, medos, aflições, angústias, etc. Lembrando que são realizadas outras leituras e trabalhos com outras histórias.

Os contos que fazem parte do projeto são escolhidos pensando na faixa etária de cada nível; essas histórias são trabalhadas por um tempo maior, lidas e relidas, utilizando livros de diferentes autores, com enredos que possuam detalhes diferenciados dos tradicionais e com diferentes recursos. O trabalho com cada conto de fadas do projeto dura aproximadamente dois meses. (Professora regente)

Neste sentido podemos notar que a escola em questão valoriza o trabalho com os contos de fadas, pois a mesma desenvolveu um projeto em cada nível que visa trabalhar com o gênero Contos de Fada em especial, auxiliando no processo de formação das crianças e na lida com seus sentimentos.

Para realizar a contação a professora escolheu o deck externo, anexo a sala, onde preparou o espaço com cuidado e detalhes minuciosos, como tapetes para as crianças se acomodarem, tecido pendurado para criar um ambiente mais acolhedor, um apoio baixo e acessível para que as crianças conseguissem enxergar a história acontecendo, bem como os materiais utilizados na contação.

Abramovich (1993, p. 22), fala um pouco sobre importância de se ouvir histórias e de se pensar na organização do local e das crianças que antecede o início da contação:

Se é importante para o bebê ouvir a voz amada e pra a criança pequenina escutar uma narrativa curta, simples, repetitiva, cheia de humor e de calidez (numa relação a dois), para a criança de pré-escola ouvir histórias também é fundamental (agora numa relação a muitos: um adulto e várias crianças). Ah, e aí, antes de começar, e bom pedir que se aproximem, que formem uma roda, para viverem algo especial. Que cada um encontre um jeito gostoso de ficar: sentado, deitado, enroladinho, não importa como... cada um a seu gosto... E depois, quando estiverem acomodados, aí começar “Era uma vez...”



Imagem 1

Para a contação a professora escolheu diferentes materiais para representar os personagens da história. Uma caixa branca com laço vermelho remetia a Branca de Neve em toda sua inocência e delicadeza, outra caixa totalmente preta com tecido a formar uma capa e uma pulseira de pedras, trazia à vida toda maldade e vaidade da madrasta invejosa. Para o espelho a professora utilizou uma moldura antiga de um espelho de verdade. Os Sete anões foram representados com rolos de carretéis, todos no mesmo tamanho e da mesma cor. O Príncipe era formado por um carretel de linha preto com uma pulseira brilhante em uma das extremidades, o que lembrava uma coroa e sua nobreza.

Para compor os cenários a professora escolheu uma casa de papelão, que representaria a casa dos sete anões. Já A floresta era feita com flores e folhas coletados nos pátios da escola.

Sobre a escolha deste material a professora diz:

A sucata possibilita que sejam dados diferentes significados a ela, portanto, acrescentando a mesma um acessório como tecido, fita, papel, ente outros, ela poderá se tornar diversos personagens e brinquedos, instigando o imaginário infantil. Dessa forma, o aluno experimenta, inventa, cria, percebendo que através da criatividade e da imaginação eles podem mudar o mundo ao seu redor, além é claro do trabalho com a sustentabilidade que deve ser iniciado desde muito pequenos, na formação de alunos críticos, leitores do mundo. (Professora regente)



Imagem 2

Ao longo da contação a professora demonstrou desenvoltura, respeito ao enredo original, delicadeza nas palavras e conhecimento da história em toda sua totalidade, sabendo os momentos de pausa e suspense, mudando o tom de voz para cada personagem, prendendo a atenção dos alunos do começo ao fim.

Segundo Elizagaray (1979, apud ABRAMOVICH, 1993, p. 20), “o narrador tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar admiração. Tem que conduzir a situação como se fosse um virtuose que sabe seu texto, que o tem memorizado, que pode permitir-se o luxo de fazer variações sobre o tema.”

Neste sentido é importante que o livro seja lido pelo narrador, antes de ser contado aos alunos, para que o mesmo se aproprie das ideias ali impressas, saiba os momentos certos de agir com suspense até os momentos de aumentar o tom de voz e projetar uma algazarra, e assim criar um ambiente encantador que prenda a atenção das crianças.

Sobre a forma como aproveitar o texto, Abramovich (1993, p. 21) ressalta:

E para que isso ocorra, é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encantamento... Que saiba dar as

pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais...



Imagem 3

O narrador precisa ter certa sensibilidade ao contar uma histórias, evitando descrever demais os cenários e os personagens, deixando que a criança os “pinte” a sua maneira, criando imagens de como seria aquele lugar, ou aquele personagem.

O narrador precisa saber usar suas possibilidades vocais, aumentando e diminuindo o tom de voz de acordo com os acontecimentos vividos na história, dando tempo para o imaginário infantil, dando oportunidades a criança de vivenciar aquelas situações e aproveitando a história, com calma e tranquilidade.

Não deveríamos escrever nunca que o destino da narração de contos é o de ensinar a criança a escutar, a pensar e a ver com os olhos da imaginação. A narração é um antiqüíssimo costume popular que podemos regatar da noite dos séculos, mas nunca tecnicá-la com elementos estranhos a ela. (ABRAMOVICH, 1993, p. 23)

Durante a contação foi possível notar alguns sentimentos esboçados no rosto de cada criança, surpresa, medo, alegria, tensão, mas a concentração foi o maior

deles. A postura com que a professora contou a história propiciou um momento mágico de fascínio, onde as crianças por vezes se olhavam como cúmplices de um segredo, vibravam com a derrota da madrasta, sorriam com a delicadeza e carisma de Branca de Neve e cantavam junto a professora a música que remete a volta dos anões para casa: Eu vou, eu vou, pra casa agora eu vou...



Imagem 4

Foram poucos os comentários no decorrer da história, mas podemos destacar a surpresa de uma das crianças quando a madrasta aparece na história pela primeira vez. Ela olha para o colega do lado e diz:

- *Olha a bruxa malvada!* (aluno 1)

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo de palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 1993, p.18)

Como no começo da história, onde a professora utiliza de algumas palavras que servem como a chave para abrir a porta para o mundo da fantasia e da

imaginação: “Agora eu vou contar uma história pra vocês, que aconteceu a muito tempo atrás e agora está guardadinha aqui, dentro desta maleta mágica. Era uma vez...” (Professora regente).

Ao final ela fecha esta mesma porta, realizando um jogo de palavras que mostra a intimidade construída diariamente entre ela e seus alunos:

Professora: “Pimpirilimpimpim...”

Crianças: “...A história chegou ao fim”

E assim as crianças respondem a professora como se concordando que a história acabou, mas que o encantamento sempre estará ali, bastando um “Era uma vez...” para que ele seja novamente suscitado.

De acordo com Abramovich (1993, p. 21):

É bom saber começar o momento da contação, talvez do melhor jeito que as histórias sempre começaram, através da senha mágica “Era uma vez...”, ou de qualquer outra forma que agrade ao contador e aos ouvintes... Ah, e segurar o escutador desde o início, pois se ele se desinteressa de cara, não vai ser na metade ou quase no finalzinho que vai mergulhar... Ah, não precisa ter pressa em acabar, ao contrário, ir curtindo o ritmo e o tempo que cada narrativa pede e até exige... E é bom saber dizer que a história acabou dum jeito especial: “E assim acabou a história. Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra...” Ou com outro refrão que faça parte do jogo cúmplice entre a criança e o narrador... Ou simplesmente respirar fundo, olhar bem nos olhos e pronunciar “Fim”.

5.1.3 Atividade

Ao final da contação a professora disponibilizou em uma mesa os materiais usados por ela para contar a história, a fim de deixar as crianças explorarem, recontarem e criarem suas próprias histórias e narrativas. Neste momento tinham seis crianças na mesa, que se revezavam entre uma atividade de registro da história e a mesa de contação.

Durante nossa observação anotamos algumas falas das crianças que remetem as falas utilizadas pela professora e outras criadas por elas mesmas, misturando os contos a partir o repertório conhecido por elas.

- (engrossa a voz) *Era uma vez uma mocinha pequena, pequena* (aluna 2)



Imagem 5

- *Olha um castelo!* (aluna 3)
- *Cadê a rainha?* (aluna 2)
- (muda a voz) *Espelho, espelho meu, existem alguém mais bela que eu?*
(aluna 3)
- *Era uma vez uns anões que tinham, um dois, três, quatro...* (aluna 4)
- *Branca de Neve eu tenho uma maçã pra você.* (aluna 3)



Imagem 6

Como a colega não responde, a aluna 3 fala com a aluna 2:

- *Quando eu olhar para você, você faz.*
- *Tó a maçã branca de neve. E daí ela escolheu uma maçã.* (aluna 3)
- E a branca de neve fez ai aiai, socorro, socorro!!*



Imagem 7

Ai socorro, morreu, morreu. (aluna 2)

Enquanto isso o aluno 5 brinca com a casinha:

- (bate na mesa) *Abre essa porta!*

Porque essa menina ta aqui? Opa...(aluno 5)

- *Um dos anões falou, abre esta porta se não eu vou soprar (aluna 6)*



Imagem 8

Na mesa da atividade a proposta era que cada criança desenhasse seu personagem favorito em papel laminado prata, representando o espelho mágico. Conforme as crianças realizavam suas escolhas a professora questionava:

- *De qual personagem você mais gosta?* (professora regente)
- *Da Branca de Neve.* (aluna 7)
- *E porque você gosta mais dela?* (professora regente)
- *Por que ela é linda.* (aluna 7)



Imagem 9

Realizando a mesma pergunta para a aluno 8 o mesmo respondeu:

- *Da rainha, por que ela me morde!* (risos)

Já a aluna 9 deu a seguinte resposta a esta pergunta:

- *Gosto mais do príncipe. Por que ele acorda a Branca de Neve.*



Imagem 10

Abramovich (1997, p. 17) fala sobre a importância de ler muitas histórias para as crianças e ressalta esta identificação que as mesmas criam com os personagens: “... E a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas...”

Segundo Corso, (2006, p. 29):

O que fica de um conto para uma criança é o que ele fez reverberar na sua subjetividade, aliado ao fato de como chegou até ela. Caso tenha vindo pela mão de um adulto, pode ser tomado pela criança como se ele tivesse tido a intenção de dizer algo através da escolha daquele trecho dramático específico. Por sua vez, a criança faz suas encomendas, quer escutar determinada história, pede que lhe alcancem certo livrinho, propõe que se brinque com ela considerando-a como se fosse uma personagem. Enfim, essas trocas entre o adulto e a criança, tendo os contos como intermediários, podem operar como uma espécie de diálogo inconsciente.

Perguntamos a professora regente sobre sua percepção quanto as mudanças em seus alunos, partindo do pressuposto que ela os acompanha desde o começo do ano. De acordo com ela:

Sinto uma grande diferença neles do começo do ano para cá, estão mais maduros e comunicativos. Os que eram mais inibidos no começo do ano agora participam dos momentos de dramatização, se expressando com mais facilidade e repetindo as falas dos personagens. É visível o avanço deles, não só nos aspectos que dizem respeito a oralidade, mas também na forma como enfrentam os conflitos, criam e imaginam, tanto nas atividades como nas brincadeiras. (Professora regente)

Fica claro que os contos de fadas se mantêm vivos até os dias de hoje, pois tem algo significativo a nos dizer com suas histórias.

Mais do que um encantamento estes contos deixam marcas e lembranças até mesmo nas crianças de ontem - agora adultos, com seus filhos - que perpetuam esta tradição oral tão antiga, repassando estes contos - outrora ouvidos - à seus filhos, num ciclo de encantamento que parece não ter fim.

5.2 OBSERVAÇÃO 2

5.2.1 O local

Esta observação e prática foi realizada em uma escola situada em Curitiba. A instituição em questão é um Centro Municipal de Educação Infantil (Berçário único, Maternal I, Maternal II, Maternal III e Pré, uma turma de cada), sendo que o horário de funcionamento é das 7h às 18h.

As turmas de Berçário único, Maternal I e Maternal II possuem três educadoras, Maternal III uma professora e um educador pela manhã, e no período da tarde o mesmo educador e mais uma educadora, o Pré tem duas educadoras pela manhã, no período da tarde uma professora e uma educadora, a educadora que fica pela manhã no pré é a mesma que fica no maternal III a tarde.

A escolha por este CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) se deve ao fato de uma das pesquisadoras atuar na mesma como educadora da equipe de permanência, a qual passa por todas as turmas da CMEI, garantindo assim que todas as professoras e educadoras tenham seu dia de permanência, possibilitando que as mesmas possam fazer seus planejamentos, pareceres, etc. Percebemos que o CMEI tem e sua rotina diária a contação de histórias, e todas as turmas tem o canto fixo da leitura onde as crianças tem livre acesso aos livros, além de ter um bom acervo de livros infantis.

Todas as sextas-feiras tem no CMEI o “Momento Cultural” e a “Integração”, no Momento cultural uma turma se prepara para fazer uma apresentação, seja de música, contação de histórias, poemas, poesias. Depois as crianças vão para a parte externa do CMEI onde os educadores de cada turma preparam algumas atividades e as crianças ficam livres para escolher onde querem brincar, junto com as crianças de varias idades juntas.

A leitura de livros acontece uma ou duas vezes ao dia, pela manhã após o café, depois que é feita a rotina com as crianças, calendário, chamada, quadro numérico; e/ou no período da tarde. De manhã e a tarde são organizados pelo menos três cantos de atividades, e muitas vezes um deles é o canto da leitura, onde as crianças podem escolher o livro que querem ler, sendo que estes livros são escolhidos no acervo da escola pelas educadoras da turma, semanalmente ou quinzenalmente.

Durante o ano, tem o sábado pedagógico, onde cada um tem trabalhos diferenciados como entrega de pareceres e reuniões com pais, palestras, estudo de textos, aprimoramento e estudo do PPP.

5.2.2 A contação

Realizamos nossa observação em uma turma de Pré com 25 alunos presentes, sendo crianças com idade de quatro a cinco anos. A turma conta com duas educadoras, a professora da turma, assumiu temporariamente outra função no CMEI, como no período da manhã ela era pedagoga, quando a diretora tirou licença ela assumiu o cargo da mesma, ou seja, a turma esta sem professora, apenas educadoras.

Para começar a contação a educadora pediu para que as crianças sentadas no tapete para uma conversa sobre o que eram os contos de fadas.



Imagem 11

Uma das educadoras mostrou para as crianças alguns contos de fadas como *João e Maria*, *A Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho* e *O Patinho*. Cada criança ganhou uma ficha e com isto, uma por uma, iam colocando a ficha na história que desejava ouvir.



Imagem 12

A história escolhida foi *O Patinho Feio*.

A educadora leu a história mostrando as gravuras para as crianças, mudando a entonação da voz de acordo com cada personagem. Ao longo da contação as crianças se mostraram atentas à história mantendo os olhos fixos no livro.



Imagem 13

Quando a história terminou a professora usou uma frase de fechamento, conhecida pelas crianças que em coro falaram juntos “Vitória, Vitória, acabou-se a história!”.

Trabalhamos com os contos de fadas para despertar o lúdico da criança bem como trabalhar conceitos como preconceito, identidade,

afeto familiar, respeito, imaginação, faz de conta. Relacionando com o dia a dia da criança e fatos que ocorrem no cotidiano de cada uma. (educadora 2)

Porque trabalha com o imaginário da criança, estimulando sua criatividade. Cada historia apresentada à criança é lida previamente, em nosso horário de permanência, o qual destinamos a organização e planejamento das aulas, e pesquisada por nós, para que o mesmo posso trabalhar com as crianças questões como: identidade, semelhanças e diferenças, respeito ao próximo, questões sócio econômicas. Foi feita uma seqüência didática para trabalhar esses diversôs sentimentos a partir dos contos de fadas com intuito de mostrar as crianças que apesar de serem historias antigas, os valores são os mesmos de hoje. (educadora 1)

Após a contação, as educadoras perguntaram o porque ele gostaram da historia e alguma crianças responderam:

- *Porque ele tinha uma família (aluna 1)*
- *Porque ele era um cisne né!!! (aluno 2)*
- *Eu gostei quando eles nasceram, porque daí, ele era cinza, tipo nada a vê, mas era lindo, mas não era amarelo, gostei! (aluno 3)*

A educadora perguntou como o patinho feio se sentia.

- *Triste porque ele não era igual ao irmão, mas u também não sou igual ao meu, se eu fosse igual seria gêmeo, para Le ser igual ao irmão delr ele precisava ter nascido do mesmo ovo! (aluno 2)*
- *Ele era triste porque ele não achava a mãe verdadeira. (aluno 4)*
- *Não! Ele era triste porque ninguém escondia que ele era feio, feio não, diferente né, e daí falavam na cara dele, qualquer um ficaria triste. (aluno 5)*
- *Tem que respeitar, só digo isso! (aluno 6)*

5.2.3 A atividade

Após a contação as educadoras conversaram com as crianças sobre os personagens. À medida que as crianças iam falando ela anotava no quadro. Em seguida eles contaram quantos personagens haviam na história contada.

Então as educadoras chamaram pequenos grupos de crianças para desenhar a história.

Esta atividade foi escolhida para oportunizar e explorar a expressão do aluno, observar o entendimento da história, para assim assimilarem melhor a história e seus conceitos bem como trabalhar áreas de formação humana como leitura, desenvolvendo gradativamente o interesse, o prazer pela leitura e o comportamento da criança enquanto a história, linguagem visual para melhor compreender e participar de processos de leitura. (educadora 2)



Imagem 14

A educadora deixou que as crianças conversassem sobre o assunto enquanto faziam as atividades.

A partir destas observações notamos o envolvimento das crianças com os contos de fadas e como um trabalho com o mesmo, de forma bem pensada e cuidadosa, pode beneficiar as criança nas diferentes áreas de seu desenvolvimento, como na oralidade, na criatividade, no imaginário, no interesse pela leitura, na concentração, em suas narrativas e resolução de conflitos internos, aprendendo assim a lidar com seus medos, temores e frustrações. Com isso a criança se desenvolve e cresce preparada para enfrentar com coragem e fé os dilemas e percalços do dia-a-dia.

Ao realizarmos uma leitura mais detalhada das falas das crianças, posteriores a contação, notamos o quanto são ricas as narrativas por parte destes alunos, que recontam trechos da história, na maioria das vezes preservando o enredo, ou criando novas histórias em cima do mesmo, interagindo com os colegas, se

identificando com os personagens, mudando sua entonação vocal para representá-los e explorando os recursos oferecidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somos frutos de uma história. Uma bela ou dolorosa história de amor, entre duas pessoas que resolveram trilhar seus caminhos juntas.

Desde que nascemos passamos a trilhar um caminho no qual somos protagonistas. Este caminho é como uma viagem onde passamos por momentos de intensas alegrias, mas também por caminhos cheios de tristezas, dificuldades e solidão. Carregamos entre nossas bagagens, experiências e sonhos a serem conquistados, projetos de vida, ideais e metas que foram sendo construídas ao longo de nossa história. Conhecemos pessoas, todas trilhando suas próprias viagens e almejando coisas para si mesmas, nos identificamos, nos apegamos e criamos laços tão grandes com algumas a ponto de querermos carregá-las junto conosco ao longo de toda nossa viagem. Nem sempre os sonhos destas pessoas é igual ao nosso ou às vezes a força do destino nos empurra por caminhos opostos e assim, nos despedimos, sofremos e continuamos.

O trajeto vai ficando mais difícil, mais pesado, as experiências se misturam na bagagem, e podemos até vir a falhar. A persistência nos faz continuar e perseguir nosso ideal, então nos levantamos e continuamos. Eis que ao longo da jornada, sentimos falta de alguém. Alguém para estar a nosso lado, alguém com quem partilhar nossos sonhos. Mas é tão difícil encontrar alguém. Dói pensar em perder novamente outra pessoa querida.

Mas a vida de uma forma sensacional acaba por nos criar encontros, encontros daqueles que arrebatam corações e nos fazem perder o fôlego. E não adianta querer fugir, agora a bagagem é mais pesada e árdua, a solidão incomoda, os sonhos aos poucos vem sendo realizados, mas ainda falta algo.

Nesta hora o coração grita, a alma fala e a vida te empurra na frente de outra pessoa que também estava por aí, correndo atrás do que é seu e buscando por alguém.

E assim, juntos, vocês começam uma nova história, que dará frutos. Estes frutos por sua vez perpetuarão sua história e darão seqüência na deles mesmos. E assim, numa torrente sem fim, novos caminhos, novas viagens e novas histórias vão se criando e se enraizando na linha do tempo, chamada vida.

É neste ponto que a vida real e o mundo da fantasia se cruzam e se enlaçam. Os contos de fadas são reflexos de nossa própria vida, com uma boa dose de encanto e magia.

É justo que nos identifiquemos tanto com suas narrativas tão encantadas e com seus personagens fabulosos, pois eles nos contam uma história muito próxima a esta que vivemos no mundo real, repletas de dificuldades, desejos, alegrias, medos, conquistas e sonhos.

Neste sentido, vemos que o conto de fadas tem algo sim a nos ensinar. Ele ensina que por maiores que sejam nossos “dragões” internos, é possível sim, vencer todos eles. Que todos podemos sentir medo, angustia, solidão, aflição, temor, pois somos humanos e que podemos contornar estes percalços com coragem, vontade e o apoio de pessoas que são verdadeiras *fadas* em nossas vidas e nos querem muito bem.

Os contos de fada não garantem sucesso e felicidade eterna, mas nos ajudam a transpor os obstáculos com fé e otimismo, acreditando que algo de bom nos espera além da tempestade. Ouvindo um conto de fadas, com suas tramas e resoluções extraordinárias aumentamos nossa gama de possibilidades de enfrentar os “monstros” reais com os quais nos deparamos no dia-a-dia.

Corso, (2006, p. 303), compara um grande acervo de narrativas a uma grande caixa de ferramentas, “na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária, pois determinados consertos ou instalações só poderão ser realizados se tivermos a broca, o alicate ou a chave de fenda adequados.”. Desta forma, uma criança bem saciada de contos de fadas é uma criança com um repertório maior de possibilidade de enfrentar a vida com mais otimismo e fé, sendo capaz de lidar com seus sentimentos e emoções com mais flexibilidade e criando formas de contornar estes impasses com mais facilidade.

O suporte dado pelos pais tem papel fundamental no desenvolvimento de seus filhos. As crianças precisam se sentir protegidas e estimuladas para crescerem e construir seus ideais de vida. Neste sentido, os contos vêm auxiliar novamente o desenvolvimento infantil, bem como os laços de amor que ligam pais e filhos. Ao ouvir um conto de fadas narrado por seus pais, a criança se sente acolhida e especial. É neste momento de troca, de sorrisos, de gargalhadas, de abraços e carinhos, que os laços que unem pais e filhos são fortificados, deixando marcas que

serão transmitidas do antes filho, agora pai, para seus filhos, e destes filhos para seus filhos, sendo assim carregados para sempre.

Os contos de fadas estimulam o protagonismo narrativo das crianças, que acabam por ampliar seu repertório lingüístico e trabalhar sua oralidade a partir da repetição de trechos presentes no enredo fixo. Ao ouvir um conto de fadas, sendo narrado pelos pais, avós ou professores, a criança trabalha com o faz de conta e o jogo de papéis, representando seus personagens favoritos e dramatizando os trechos que mais lhe chamaram a atenção ou se colocando no papel de narradores de suas próprias histórias. Com isto, os contos acabam por ajudar no desenvolvimento afetivo e na interação da criança com os pares. É nesta interação que as crianças se aproximam, se comunicam e realizam trocas, conhecendo a si mesmas e ao outro.

Os contos de fadas são recheados de princípios éticos e morais que auxiliam a criança a estabelecer relações com os pares e a construir sua identidade. Ao se deparar com inúmeros personagens cada qual com suas características, a criança passa a se colocar no papel dos mesmos, vivenciando o certo e o errado, o bom e o mau, o covarde e o corajoso, o herói e o vilão, que ajudarão em sua formação enquanto pessoa.

Vivenciando os encantos e magias presentes no conto a criança trabalha sua criatividade e aumenta seu poder de imaginação. Ela pinta os cenários a sua maneira, imagina os personagens com seus olhos, tem algumas de suas curiosidades respondidas e encontra soluções para seus devaneios.

Através do imaginário a criança interpreta papéis e brinca muito e com isto amadurece. Em outras linhas, o conto de fadas serve como um jogo lúdico, enriquecendo o imaginário infantil, trabalhando com questões pertinentes a oralidade, realizando interações afetivas e emocionais e desenvolvendo questões de maturidade.

Para além de todos estes benefícios os contos de fadas nos transportam para um mundo sem igual, um mundo onde todas as coisas são possíveis, onde personagens mágicos e incríveis vivem.

Os contos de fadas nos fazem viajar sem medo e criar um gosto irrevogável pela leitura. Depois de algumas histórias nos tornamos seres insaciados, sempre a procura de mais e mais. Com sua estrutura simples, porém repleta de riquezas sem igual, os contos de fadas são narrativas simbólicas simples capazes de nos fazer

criar gosto pela leitura - leitura de livros e leitura de mundo - pois sua simplicidade é impregnada de experiências subjetivas, porém complexas e delicadas vivências emocionais que nos ensinam a viver em toda sua plenitude.

Pudemos perceber isso durante as duas observações, como foi dito durante o trabalho elas foram feitas uma em uma escola pública e outra em uma escola particular, mas independente da condição financeira e estrutura das escolas, o objetivo das professoras e educadoras foram alcançados com os Contos de fadas, o encantamento chegou até as crianças, mostrando e trabalhando todos os medos, suspenses, e o gosto pela leitura. O que pudemos perceber também, foi que na escola particular a professora elaborou uma atividade mais criativa para as crianças, disponibilizado assim dando maior espaço para novas discussões entre elas. Mas o que pudemos ver no CMEI era que a educadora estava sozinha em sala dificultando um pouco o processo da atividade, mas que no final ocorreu tudo bem.

Enfim, os contos de fadas, tem muito a nos transmitir o que justifica sua permanência tão viva até os dias de hoje. Eles nos transportam não só para um universo paralelo regado de seres fantásticos, mas também ao nosso passado, nossos sonhos juvenis, brincadeiras, contos prediletos e outros momentos especiais vividos por nós em nossa infância. É através dos contos de fadas que mantemos vivas as crianças que um dia fomos e que agora vivem dentro de nós.

Pensando em tudo isso, podemos encaixar este trabalho num parágrafo ou dois, da história de nossas vidas; construído com sacrifícios afim de alcançar propósitos maiores.

E agora como todo conto de fadas, encerramos o nosso enredo assim:
pimpirilimpimpim, a história chegou ao fim!

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1993.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.

ANJOS, E.C.Dos; PEREIRA, S.P. **Estudo de caso sobre o trabalho com a Literatura Infantil com crianças de 2 a 4 anos de idade**. 85 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21^o Ed. Revista. Trad. Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CADEMARTORI, Lúgia. **O que é literatura Infantil**. CIDADE:Brasiliense – Coleção primeiros passos 7, 1994.

CALDAS, Aulete. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa** / Caldas Aulete ; [organizador Paulo Geiger]. – 3^o Ed. – Rio de Janeiro :Lexikon, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de Fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

CORSO, Diana Lichtenstein; Mário. **Fadas no divã: Psicanálise nas Histórias Infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FARIAS, F.R.A.de; RUBIO, J.de A.S. **Literatura Infantil: A contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil**. 2012. 13 páginas. Artigo – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2012.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3^o Ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

RESSURREIÇÃO Juliana Boeirada. **A importância dos contos de fadas no desenvolvimento da imaginação**. 2005. 17 páginas. Artigo – Faculdade Cenecista de Osório, Osório, 2005.

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE CURITIBA. Departamento de Educação Infantil. **Planejamento e Avaliação**: orientações básicas para CMEIs, CEIs conveniados e escolas com educação infantil. Curitiba, 2010a.

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE CURITIBA. Departamento de Educação Infantil. **Leitura e contação na Educação Infantil**: orientações básicas para CMEIs, CEIs conveniados e escolas com educação infantil. Curitiba, 2010b.

SOUZA, E.R.de; MUNIZ, V.C.B.Q; FORGIARINI, V. **O uso da Literatura infantil na escola como forma de estímulo à leitura**. 2013. 9 páginas. Artigo – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço, Jaciara, 2013.

ZIBERMAN, Regina. **A literatura e o ensino da literatura**. São Paulo: Ensino contexto coleção repensando o ensino, 1985.

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=E427326>[acessado em 25/10 às 21h18].

ANEXO 1

OBSEVAÇÃO EM SALA

Instituição

Pública

Privada

Turma observada?

Idade das crianças/quantidade de alunos na turma?

Quantidade de professores em sala?

Conto utilizado?

Como as crianças se relacionaram com o conto? Surpresa, encantamento, medo, prazer...

Qual recurso utilizado para realizar a contação?

Mantiveram-se interessados do começo ao fim?

Comentários das crianças ao longo da contação (caso tenha ocorrido)

A professora domina a história?

As crianças se mostraram interessadas?

Quais emoções puderam ser observadas/expressões?

Comentários dos alunos posteriores a história

Foi desenvolvida alguma atividade posterior ao conto? Qual?

Comentários durante as atividades:

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO

1. Quais os motivos para escolha do conto?
2. Qual o motivo da escolha deste recurso?
3. Já leu ou tem o hábito de ler a mesma história, com diferentes autores?
4. Quais benefícios e mudanças você nota nos seus alunos ao longo do ano, a partir das contações realizadas?
5. Você percebe as diferenças com relação ao desenvolvimento da linguagem dos seus alunos?